

Teocomunicação

Revista de Teologia da PUCRS

Programa de Pós-Graduação em Teologia
Escola de Humanidades

Porto Alegre, v. 48, n. 1, p. 133-135, janeiro-junho 2018

 <http://dx.doi.org/10.15448/0103-314X.2018.1.31908>

RESENHA

ALTEMEYER JR., Fernando. *Perfil episcopal da Igreja Católica (1551-2018)*. São Paulo: Paulus, 2018. 122p. ISBN: 9788534947305

Reuberson Rodrigues Ferreira*

O *Perfil episcopal da Igreja Católica no Brasil (1551-2018)*, publicado pela Editora Paulus, é o recente livro do Professor do Departamento de Ciência da Religião da PUC/SP, o teólogo Fernando Altemeyer Jr. Ele é doutor em Ciências Sociais, mestre em teologia e Ciências da Religião pela Universidade de Louvain, Bélgica. Sua obra é um conciso texto de cento e vinte duas páginas que busca desenhar o perfil histórico do Episcopado no Brasil ao longo de quase quinhentos anos.

O livro está estruturado em três partes. Acrescenta-se a essa divisão um extenso e detalhado apêndice, subdividido em onze categorias. Goza ainda de uma apresentação na qual o autor destaca as razões que o levaram a redigir o texto: a sugestão de monsenhor Arnaldo Beltrami (1937-2001), vigário episcopal para comunicação da Arquidiocese de São Paulo, de levantar dados sobre bispos brasileiros a fim de poder responder a perguntas de jornalistas. Ao mesmo tempo, acusa o largo e minucioso tempo ao longo do qual a pesquisa foi sendo gestada até tornar-se pública, isto é, vinte quatro anos. Há ainda, na quarta capa, um texto de um dos últimos bispos da estirpe de profetas que a Igreja no Brasil gerou nos idos da década de oitenta, Angélico Sândalo Bernadino. Nesse texto, o emérito bispo de Blumenau, entoa em cada uma de suas palavras um verdadeiro canto de louvor pelos “1.153 batizados, sagrados para missão episcopal, sinal sacramental da comunhão e profecia da trindade Santa” e suplica, por si e pelos seus irmãos, oração pois eles são “homens frágeis” que, pela misericórdia de Deus tornam-se “homens da Esperança”.

Após a apresentação, o autor pontua com dados estatísticos onde a Igreja executa sua missão, em quantos organismos eclesiais ela realiza esse trabalho e como ele foi desenvolvido ao longo da história. Nesta última parte, o escritor o faz, com dados numéricos, a partir da ação de atores da hierarquia eclesial (Bispos, Padres e Religiosos) e eventos eclesiais (Sínodos, Concílios e Conferências). As dimensões e a finalidade da obra não permitiram afirmar a expressiva colaboração do laicato sempre

* Religioso e Padre Missionário do Sagrado Coração. Mestre em Teologia pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Teologia da PUC-SP. Pós-graduado em Teologia, História e Cultura Judaica pelo Centro Cristão de Estudos Judaicos (CCEJ-SP). Bacharel em Teologia pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção (SP) e Filosofia pelo Instituto de Estudos Superiores do Maranhão (IESMA-MA). <reubersonferreira@yahoo.com.br>.



vivo e atuante nesse processo. Contíguo a esse texto, Altemeyer Jr. faz um coligido de citações sobre o Episcopado. São citações extraídas desde o livro dos atos dos Apóstolos até do bispo de São Félix do Araguaia, de Santo Agostinho a Dom Helder, da *Didaqué à Lumen Gentium*, do Papa Francisco a Oscar Romero. São textos que buscam fazer a síntese do ministério Episcopal. Sobre essas citações, convém duas observações. A primeira, que elas são todas bem referenciadas, exceto duas, atribuídas a Francisco, inseridas na página 15, que carecem de local e data, e outras duas, atribuídas, respectivamente, a Dom Helder e a Dom Pedro Casaldáglia, na página 16. A segunda observação é que uma citação atribuída ao Papa Francisco na página 16, datada de abril de 1982, parece muito improvável que seja do Bispo de Roma. Embora não seja possível precisar o autor, não parece que Francisco tenha tido uma relação tão intensa com o oeste de Santiago do Chile em abril de 1982 a ponto de dizer: “Quero hoje renovar meu compromisso como pastor deste povo”.

Após essa primeira parte, o autor apresenta a relação nominal dos 1.153 homens que desempenharam o ministério Episcopal (ou equivalente) ao longo de 466 anos. Trata-se da mais extensa parte da obra, são oitenta e uma páginas. Em ordem alfabética e a partir da função eclesiástica que exerceram são apontados todos os 675 bispos falecidos e os 478 vivos. Nomes como o do primeiro cardeal do Brasil, Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti (14), do primeiro bispo da ainda colônia do Império português, Pedro Fernandes Sardinha (997) e do último bispo nomeado, quando da finalização do livro, 07.03.2018, monsenhor Eduardo Malaspina (1153), Bispo auxiliar de São Carlos, titular de Pupiana são listados. A lógica da apresentação é concisa e objetiva: nome, sigla da congregação (se religioso) diocese para onde foi nomeado, data de nascimento e falecimento (se for caso). Em meio a essa profusão de informações é natural que alguns dados escapem. Assim, o arcebispo Dom Macedo Costa, famoso pela questão religiosa (1870) tem seu nome citado duas vezes, na primeira (51) seus dados são completos e na segunda (172), parcialmente completos. Há ainda os bispos José Luís Gomes de Vasconcelos (759), titular de Sobral, e Joaquim Gonçalves de Andrade (887), prelado de São Paulo, que tem dados relativos a nascimento e falecimento não listados. No universo de mais de 1.153 nomes são apenas 0,26% de dados incompletos. Um valor irrisório, mais presente na obra e que pode ser revisto numa edição posterior, ampliada e atualizada, dado a velocidade com que algumas alterações relativas aos bispos ocorrem por novas nomeações e/ou por morte de prelados.

A última parte do Livro é um extenso, rico e detalhado apêndice. São onze partes que apresentam elementos como a nominata dos 16 presbíteros que resignaram ao ministério episcopal, por razões de falecimento ou outros motivos, a relação dos abades territoriais sem caráter Episcopal e os nomes dos bispos natos no Brasil que atuam ou atuaram em outros países.

Segue-se a esses três pontos uma radiografia do episcopado Brasileiro apresentando, em porcentagem, a origem por estado e/ou país dos bispos ativos ou eméritos no Brasil. Até 07/03/2018 eram 477 bispos vivos. Dentre eles, os paulistas (79) são os mais numerosos, seguidos pelos mineiros (68) e gaúchos (56). No outro extremo, há estados como Rondônia, Amapá e Roraima, que até hoje nunca tiveram um bispo nascido nessa região. Na linha intermediária, há os baianos e os cariocas com 19 episcopos. Entre os estrangeiros, os espanhóis são os mais expressivos, 15 atualmente. Dos bispos falecidos, que eram 675 até a data da edição do livro, a maioria era paulista, 89. Dentre os estrangeiros, os italianos foram os mais numerosos, 57. Segue-se a essa relação, distinta entre vivos e mortos, uma contagem geral entre todos os 1.153 bispos por estados ou países de origem. As constatações do autor de que alguns estados não terem bispos natos

e outros uma grande quantidade fazem o leitor indagar as razões e aventar hipótese para tal. Entre tantas, supõe-se a quantidade de clero, a concentração de dioceses em alguns estados, o tardio processo evangelizador em alguns lugares e, de maneira perniciosa, uma velada mentalidade eclesial bairrista em relação à origem dos bispos.

Ainda no amplo universo do seu apêndice, a obra *Perfil episcopal da Igreja Católica (1551-2018)* registra o nome dos bispos brasileiros que participaram de eventos eclesiais conciliares, como: Vaticano I (1869-1970); Concílio Plenário da América Latina e Caribe em Roma (1899), as cinco Conferências do Episcopado Latino Americano e caribenho (1955, 1968, 1979, 1992 e 2007), o Sínodo das Américas (1997) e do Concílio Vaticano II (1962-1965). Deste último evento, o autor restringe-se a apontar apenas os números – pois eram muitos, 221 – e destacar dentre os vinte e seis últimos bispos que participaram do Vaticano II, e que seguem vivos, os brasileiros Dom Mauro Alarcon, bispo emérito de Sobral/CE, e Dom Cardeal Serafim Fernandes, emérito de Belo Horizonte/MG.

O apêndice concorre para o seu fim apresentando os internúncios e núncios nomeados para o Brasil desde 1807 bem como a relação dos bispos vivos (eméritos e ativos) e qual Pontífice os nomeou. Pela quantidade de anos que passou à frente da Igreja Católica, São João Paulo II foi o que mais nomeou, 230. Uma média de 8,5 bispos por ano. O Papa Francisco, no entanto, proporcionalmente, configura-se como o que mais fez nomeações. Ao longo de cinco anos já escolheu 81 bispos, média de 16,2 por ano. Dado que ele ainda está no sólio petrino, fará muitos outros. Encerra-se o livro com uma visão estrutural das arquidioceses, dioceses (sufragâneas), eparquias e ordinariatos.

Por fim, pode-se dizer que a obra de Altmeyer Jr. se insere no universo de pesquisas históricas de valor singular. Ela inventaria, cataloga e apresenta mais de quatro séculos de história do episcopado Brasileiro. Torna-se um instrumental de consulta prática para o conhecimento nominal de bispos que exerceram trabalhos à frente de diocese e arquidioceses neste país. Ao mesmo tempo, tem o brilhantismo de congregar em um único lugar informações que só seriam atingidas recorrendo a diversas fontes. Outrossim, o quadro de apêndices é valioso, pois estabelece uma verdadeira radiografia das origens dos bispos e, ao mesmo tempo, permite entender a crescente participação do Episcopado Nacional no cenário da Igreja na América latina e no mundo através de eventos como Concílios e Conferências Gerais.

Não obstante essa singularidade, é forçoso admitir que o texto, por si mesmo, impõe para os tempos vindouros uma atualização. A dinâmica eclesial de nomeações e/ou elevação a dignidades eclesiásticas é imperativo natural que implica um perene *update* de informações e estatísticas. Os dados históricos, sobretudo relativos a prelados já falecidos, configuram-se numa base para alterações futuras em tempo bem mais ágil que os dedicados 24 anos que o vigoroso acadêmico Fernando Altmeyer Jr. devotou a sua pesquisa. Seu brilhante esforço, todavia, conforma-se como um caminho já pavimentado e mais fácil de ser trilhado por outros pesquisadores que vierem a se interessar pela temática.

Recebido em: 09/04/2018

Aprovado em: 27/06/2018

Correspondência para:

Reuberson Rodrigues Ferreira
Travessa Pé de Manacá, 57 – Jardim Conquista
08345-200 São Paulo, SP, Brasil